

Empresas preveem crescimento menor em 2027

Pesquisa com 76 empresas listadas na Bolsa aponta expectativa de economia mais fraca e juros pesando mais no próximo ano

/ CONJUNTURA

A pouco mais de quatro meses da virada do ano, grandes empresas e bancos do Ibovespa preveem um cenário pouco animador para a economia do País em 2027.

Segundo levantamento feito com as 76 companhias listadas no índice da Bolsa, a expectativa de parte delas é que a economia cresça menos no próximo ano e que o juro alto afete ainda mais as operações na comparação com 2026. Os dados levam em conta o conteúdo das teleconferências de resultados do segundo trimestre deste ano.

O aumento do endividamento das famílias tem respingado até nas contas básicas, como água e luz. Empresas do setor, como CPFL Energia e Copasa, têm intensificado o corte no fornecimento de serviços.

“Há um desafio no pagamento das contas de energia, que reflete na última linha no aumento da nossa inadimplência”, apontou Gustavo Estrela, CEO da CPFL

Energia, ao comentar a alta do indicador: de 0,82%, no segundo trimestre de 2025, para 1,08% este ano. Para a Copasa, que também classifica como desafiador o nível de endividamento das famílias, a estratégia tem sido também adotar mecanismos antecipados de cobrança e “mexer nas réguas de negociação”, afirmou o CEO, Cleyson Jacomini.

O cenário, segundo Marcelo Kfoury, professor de economia do Insper, mostra como o alto endividamento vira uma bola de neve mesmo em meio às mínimas históricas de desemprego.

“Alguém começa a pagar cheque especial, rotativo do cartão de crédito, e não consegue pagar as contas que tem. A pessoa recebe R\$ 2.000 por mês, paga R\$ 1.000 de prestação, e o resto sobra para comer, e não sobra para pagar energia e nem água. Ela vai escolhendo o que ela paga”, diz Kfoury.

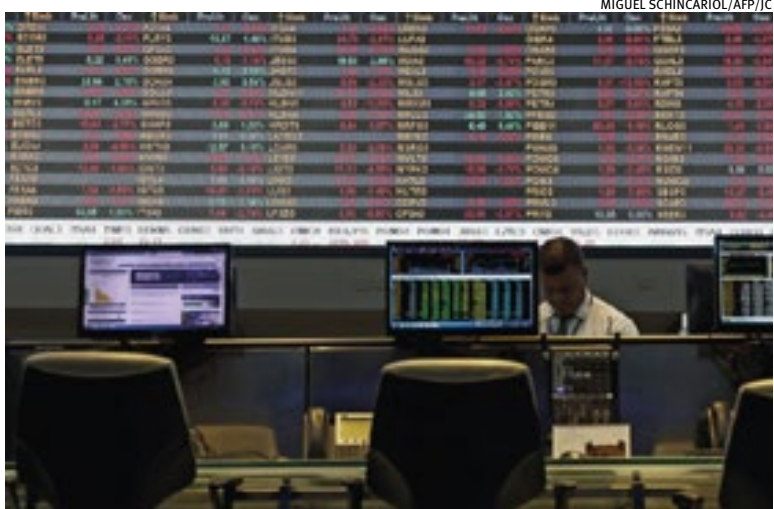
No setor varejista, Lojas Renner e Assaí falam em pressão no consumo diante da Selic (taxa básica de juros) maior do que a es-

perada. CPFL Energia e Copasa, de serviços básicos, mencionam calotes em contas de água e luz diante do endividamento recorde das famílias.

Alfredo Setubal, CEO da holding Itaúsa, chegou a falar em “pequena recessão”, fazendo coro a Armínio Fraga, economista e ex-presidente do Banco Central, no início do mês. A holding agrupa empresas de diversos setores, como bancos (Itaú Unibanco), calçados (Alpargatas), concessões rodoviárias (Motiva) e saneamento (Aegea).

Segundo o executivo, a economia tem desacelerado “apesar de todos os incentivos que o governo tem dado para o aumento de consumo e para renegociações de dívidas”.

“Isso se refletirá em um menor consumo das famílias, que já apresentam um nível de endividamento bastante elevado. Estamos orientando as empresas investidas para ter um orçamento mais moderado e mais cauteloso também”, disse.



Companhias se preocupam ainda com avanço do endividamento familiar

O setor bancário também deu sinais de alerta na divulgação dos resultados. BTG Pactual e Santander indicaram que o ambiente mais complexo de 2027 está se tornando um consenso no mercado, com a inadimplência do crédito como principal ponto de atenção.

“O cenário mais desafiador de 2027 está se tornando um consenso. O nível de endividamento do governo e das famílias é mui-

to alto, a taxa de juros está muito alta, e vai chegar um momento em que tudo isso vai impactar a economia”, afirmou Roberto Sallouti, CEO do BTG Pactual.

Nas projeções do Boletim Focus desta semana, a Selic terminará 2027 em 12% ao ano, e o PIB, com crescimento de 1,5%. Para 2026, os especialistas consultados seguem vendo expansão de 1,98%.

Talvez após eleições possamos retomar curso normal diplomático com EUA, diz Durigan

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse esperar que, depois do período eleitoral, “passada a eventual tentativa de interferência” dos Estados Unidos, seja possível retomar o curso normal da diplomacia com o país no que se refere às tarifas aplicadas aos produtos brasileiros.

“Tudo que a gente puder fazer, a gente está fazendo, e o que eu tenho recebido são mensa-

gens de gratidão e de esperança, que depois do período eleitoral, passada a eventual tentativa de interferência, que a gente possa retomar o curso normal da diplomacia, que é o que eu também espero”, disse a jornalistas.

Durigan afirmou que o início do processo de aplicação da Lei da Reciprocidade Econômica não vai atrapalhar o curso das negociações com os EUA.

“Ela pode só ajudar, até porque nós vamos fazer um processo de reciprocidade com cautela, ouvindo os afetados, já tenho ouvido alguns deles. Ninguém me trouxe uma preocupação de que poderia atrapalhar a negociação, até porque a disposição por negociação é completa do nosso lado”, afirmou.

Ele lembrou que a lei foi uma demanda do Congresso, que a

aprovou por unanimidade no ano passado, ainda por ocasião do primeiro tarifaço americano.

“Em termos de garantir soberania, ter dignidade para esse diálogo é algo bem devido e não houve, para mim, reclamação de nenhuma entidade do setor privado”, destacou.

Durigan disse estar “do lado dos empresários”, tanto tentando resolver diplomaticamente a

questão quanto adotando medidas para dar fôlego e viabilizar a manutenção dos negócios nacionais que estão sendo prejudicados, com a nova versão do Brasil Soberano e uma extensão do drawback, a pedido de alguns dos setores.

“Em alguns casos, a gente talvez não consiga ajudar dentro das ferramentas que o governo tem”.



Rodrigo Souza
Psicólogo

TEMA DO EVENTO

Educação Financeira: conhecimento que fortalece negócios.



25 de Agosto
(terça-feira)

18:00 às 18:30 Networking
18:30 às 20:00 Capacitação

Local: Associação Comercial de Porto Alegre - ACPA
Largo Visconde do Cairú, 17, Centro Histórico.
Estacionamento no próprio prédio:
Lyon Park - Av. Mauá, 1413.

Apoiadores:



EVENTO GRATUITO

Inscriva-se pelo QR Code abaixo:

